

YVONNE A. PEREIRA

NAS TELAS DO INFINITO

Pelos Espíritos

BEZERRA DE MENEZES E CAMILO CASTELO BRANCO



SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE: UMA HISTÓRIA TRISTE 9

1	11
2	25
3	33
4	45
5	55

SEGUNDA PARTE: O TESOURO DO CASTELO 61

1 – O voo de uma alma	63
2 – O castelo negro	71
3 – História lagrimosa de dois fidalgos	77
4 – O demônio do castelo	89
5 – A herança	101
6 – Uma alma em aflições	107
7 – Aurora	137
8 – O morto fala!	151
9 – O tesouro do castelo	179

PRIMEIRA PARTE

UMA HISTÓRIA TRISTE

Pelo Espírito

Adolfo Bezerra de Menezes

1

Em certo dia de novembro de 1928, um desgosto doméstico fez-me julgar a vida muito amarga, levando-me a me sentir infeliz, deserdada da sorte. Advertida severamente por minha mãe, ante a blasfêmia proferida, recrudesciu a intensidade do desgosto, e lágrimas abundantes, então por mim consideradas pungentíssimas, irromperam de meus olhos, dramatizando a cena com o aspecto exagerado com que o meu pouco senso houvera por bem circulá-la. E, no entanto, meu Deus, tão insignificantes foram as causas geradoras daquela contrariedade, que, hoje, descerrando os brandos véus da memória para traçar estas páginas — já me não recordo delas, absolutamente esquecidas que foram nas sinuosidades de quase três decênios...

Profundamente amargurada, porém, recolhi-me ao meu humilde aposento de dormir, que deitava ampla janela para a estrada que limitava os fecundos campos da Escola Agrícola (Instituto Gammom), notável estabelecimento de ensino superior ainda hoje existente na cidade de Lavras, no estado de Minas Gerais, e onde, então, eu residia. Encostei-me ao peitoril da janela, pondo-me a contemplar a harmonia do dia cheio de Sol. Ao longe, nas colinas pujantes de verdura, os ipês floresciam, mesclando de suaves tonalidades policrômicas a paisagem recortada no horizonte pelos traços ziguezagueantes das montanhas. E aqui, bem ao alcance de minhas vistas, os campos de cultivo, onde, frequentemente, futuros agrônomos experimentavam conhecimentos agrários — grandes chapéus de

palha à cabeça, arado às mãos, quais rijos sertanejos crestados pelas ondas fulvas do sol; os pastos, onde o gado roía a erva tenra e saborosa; as alamedas majestosas das jabuticabeiras do pomar do magnífico Instituto, pejudas de frutos maduros; os bambuais flexíveis, ameigando-se em galeios ternos a cada carícia da viração que passava, perfumada pela essência dos ipês; os pássaros melódiosos, apresentando orquestração fantástica nos cânticos variados, multiplicando árias e melodias, hinos e harmonias sublimes, lembrando o coro arrebatador das esferas do mundo espiritual, tal a grandiosidade do concerto apresentado, a inteligência com que se provocavam e se respondiam, a mirífica beleza das modulações e das cromáticas inimitáveis, engendradas pelo sublime dom com que a Criação os prendera... pois Lavras é famosa pela variedade e quantidade de pássaros que possui...

Calando docemente em meu Espírito desarmonizado com a Natureza, tão rica de suavidades, o espetáculo bucólico pouco a pouco corrigiu as asperezas com que o mau gênio me rodeara a mente... Senti o encanto divino, que se desprendia da harmonia apresentada pela Natureza, infiltrar-se por minha sensibilidade, dominando-a, serenando-a aos beneficentes ósculos do majestoso exemplo... Como por encanto, reconheci-me fortemente unida àquela doce Natureza, sempre tão linda e tão boa, expressando a carícia de Deus nos detalhes que deixava à contemplação do pensador! Aqueles ipês, as messes ricas e generosas, que além cresciam protetoras e amigas; o gado e os pássaros, o arvoredado copado e altivo, o firmamento azul e até o astro radioso que a tudo envolvia, emprestando beleza e vida — palpitem também nos refolhos do meu ser, como me enlaçando em fraternal amplexo; circularam em minhas artérias singulares homogeneidades, ao mesmo tempo que me dulcificavam o coração conturbado, tonificando as ondas mentais, que se dispuseram a uma grata comunhão com o divino! Lembrei-me então de Francisco de Assis, que, iluminado pelo conhecimento das Ciências superiores, se sentia irmanado a todas as manifestações da Criação — aos ventos como ao Sol, às águas como aos animais, à rosa como às árvores! E, recitando mentalmente o cântico

do Sol, fora como uma prece que meu Espírito houvera oferecido ao supremo Idealizador de tantas magnificências...

Eis, porém, que corrente magnética vigorosa despejou sobre minhas faculdades anímicas a atração irresistível de suas forças superiores...

Pressenti que almo fantasma, provindo de esferas beijadas de amor e de luz, chamava-me para algo importante, e que me não seria lícito desatender o honroso convite...

O envoltório carnal se me enrijecia como se brandos acenos da morte libertadora descrevessem aleluias para o meu Espírito desejoso do grato retorno ao lar espiritual... Procurei então o leito e adormeci sob a forte injunção do sono magnético...

Desperto em seguida, mas em corpo espiritual, entrando em luta para me despegar do fardo carnal, ao qual me sentia vinculada por invencíveis cadeias... Despego-me parcialmente, depois de luta mortificante, dolorosa!

Foi para minha mãe o primeiro pensamento, uma vez de posse da liberdade facultada pelo sono magnético. Procuro-a pelo interior da casa. Descubro-a sentada à sua máquina de costura, pensativa e tristonha como sempre. Beijo-lhe carinhosamente a fronte, rogando-lhe perdoasse a contrariedade que lhe acabara de dar; acaricio-lhe os anéis alvos dos cabelos... Ela não me pode ver, porém... e o panorama exterior atrai-me irresistivelmente... Lembro-me de que galguei o peitoril da janela junto à qual minha mãe trabalhava e saí, atirando-me pelo espaço diluído em luz, qual pluma a que ímã singular sustentasse, conservando-a equilibrada na atmosfera...

Alegria insopitável cantou inefável felicidade nas profundezas do meu ser... Sublimou-se ante meus olhos espirituais a beleza havia pouco entrevista na paisagem contemplada com a visão material...

Aproximei-me dos bois mansos que pastavam pachorrentamente, segurei nos chifres de um deles e disse-lhe, pensando no suave poeta-santo de Assis: “Vós sois meus irmãos menores...”, quando repetia, com o mesmo amável servo do Senhor: estas árvores, estes pássaros, estes ipês, este mesmo Sol, são todos meus irmãos perante Deus!...

Espantou-se, no entanto, o nobre animal que eu cumprimentara, sacudindo a grande cabeça: teria distinguido o meu fantasma?

Depois... Nada mais senão pesada inconsciência...

Ao recobrar a lucidez esvoaçava sobre a formosa Enseada de Botafogo, no Rio de Janeiro, cujas águas ondulantes cintilavam quais esmeraldas líquidas à luz dourada do sol. Protegiam-me não sei que ondas fluídico-magnéticas excelentes, as quais envolviam meu fantasma e o sustinham vigorosamente, equilibrando-o no ar sem ameaças de despenhá-lo das alturas, mergulhando-o no seio temeroso do abismo esmeraldino. Das águas, aragens vivas subiam, impregnando minha organização físico-espiritual de refrigerios brandos, como tônicos reconstituintes capazes de beneficiá-la, levando-a à recuperação de forças despendidas, como à aquisição de energias novas, fertilizantes, distribuidoras de saúde.

Possuída por insólita alegria, abandonei-me a risos prazerosos, satisfeita com a inestimável liberdade que desfrutava. Pus-me a evolucionar como a folha conduzida pelo sopro vivo dos ventos — dançava, cabriolava, bailava evocando passos clássicos, dos quais eu muito gostava, ao som de melodias que eu mesma recordava e ia entoando a bom fôlego; descia até tocar o leito líquido das ondas; subia rompendo o espaço, como a gaivota alígera e destemida — as vestes e os cabelos esvoaçando gentilmente ao sabor dos ventos...

Se, por vezes, impulsos mais fortes ameaçavam precipitar-me para o abismo, puxões imediatos levantavam-me para a altitude conveniente — fantoche que

eu seria, equilibrado graças à proteção de alguma caridosa entidade portadora de eflúvios generosos... E então, destemerosa, mesmo inconsciente, prosseguia na brincadeira inefável com as amáveis brisas marítimas...

Em dado instante, silhueta nívea e vaporosa desenhou-se sutilmente à minha vista, revelando-me que estivera eu acompanhada durante todo esse tempo... Vi-a à frente, de costas voltadas para mim. De vez em quando, por certo pela intuição, distinguia nessa entidade o aspecto varonil, pois entrevia-lhe os contornos, indecisos, de barbas veneráveis, muito brancas e translúcidas. Profundo respeito fez-me dominar a alacridade. Detive-me entre indefinível estado de temor e veneração.

É que, aquela silhueta, que a custo se deixava perceber entre as bênçãos magnânimas do sol e os eflúvios sadios do oceano — era o amigo desvelado desde muitos anos, o assistente espiritual muito querido, que desde a infância eu aprendera a venerar como o apóstolo da Doutrina dos Espíritos em terras do Brasil, o mesmo cujas irradiações protetoras e cândidas diariamente me permitiam o trabalho de receituário no Centro Espírita de Lavras, onde as sementes da Boa Nova então começavam a germinar em promessas compensadoras para o futuro — depois que o vulto nobre de Augusto José da Silva, o médico humanitário e inesquecível, arroteara a terra com o arado generoso da fé...

Era Bezerra de Menezes!

Seria?...

Por que não, se, como apóstolo, deveria estender os perfumes da caridade cristã por toda a parte em que os encargos da vinha do Senhor o conduzissem?...

Seguiu o fantasma translúcido e bem-amado, distanciando-se do leito das águas. Acompanhei-o como atraída por irresistível imanização, ao seu encaço sempre, jamais lado a lado...

Deslizávamos agora pelas ruas da capital, à altura de um primeiro andar. O casario maciço da cidade antiga estendia-se qual colmeia agitada, aquecida aos fogos das preocupações diárias como do verão abrasador... Por vezes, dotada a minha visão, momentaneamente, de poderosos raios de penetração — mau grado meu — era-me permitido surpreender a intimidade de certos domicílios localizados na altura por que transitávamos. Afligia-me, porquanto nem sempre distinguia cenas edificantes...

Assim deslizando reconheci a praia do Flamengo, cujas águas serenas o Sol incendiava com milhões de reflexos de ouro, os quais se multiplicavam ao sabor dos galeios das ondas, ofuscantes e pródigos. Passei pelo Catete — o bairro presidencial, de tantas emocionantes recordações —, pela Glória... Atingi o centro da cidade, a Cinelândia chamada, com seu formoso painel configurando a Praça Paris e o azul indescritível do mar, sempre altaneiro e sedutor... Agora, o maciço de ruas estreitas e abrasadas pelo calor insuportável surgia, estendido a meus pés num estranho atapetado de telhas e cumeeiras, ruas, em sua maioria, hoje desaparecidas para a construção da magnífica Avenida Presidente Vargas; a antiga estação da Central do Brasil, velha e acachapada, pois, por esse tempo — 1928 —, não se cogitava ainda da soberba construção da atual Estação D. Pedro II...

Distraía-me sobremodo o giro inesperado.

Então, eu jamais visitara o Rio de Janeiro, e somente em 1930 me foi concedida a satisfação de reconhecer os mesmos locais por mim visitados em corpo espiritual.

Meu admirável guiador deixava-me à vontade, entregue às minhas próprias apreciações. Não emitia quaisquer considerações. O que deixava evidente, entretanto, era que me atraía a determinado local para algum nobilitante empreendimento, porquanto não seria possível que seu desígnio se limitasse, simplesmente, a me proporcionar um passeio agradável, com

o fim único de ociosa distração. Eu o compreendia, sem que, não obstante, me fosse permitido prever as intenções por ele guardadas.

Eis, porém, que agora se prolongava aos nossos olhos de fantasmas alados a fita interminável dos trilhos ferroviários da Central, reluzindo ao Sol o aço polido quais serpentes sinuosas, e sobre os quais os trens do subúrbio trafegavam o dia todo por entre nuvens de fumaça e silvos agudos e estridentes...

Lauro Muller, S. Cristóvão... A Quinta da Boa Vista, por onde se diria passear ainda a sombra veneranda de D. Pedro...

Intrigada, lembrei-me subitamente de certo poema de Castro Alves, colocado em situação idêntica numa das suas fantasias poéticas, e o qual trazia este verso: “Onde me levas mais, anjo divino?”

A recordação do verso valeu por uma interrogação. A resposta não se fez esperar, pois que, tal como se poderosa centelha telepática me indicasse intuitivamente o local para onde nos dirigíamos, vislumbrei à direita e à frente, envoltas como que em nuanças plúmbeas, montanhas povoadas de casebres miseráveis e sórdidos, significativos exemplares das muitas chagas que ainda hoje envilecem a face da capital, que o bom humor de um poeta denominou — maravilhosa, cumulando de responsabilidades as suas sociedades elevadas e o seu governo.

Oh, os morros!

Antros sombrios de vícios e de crimes!

Amargos redutos da miséria, da desonra, do sofrimento superlativo, onde a ignorância e a desgraça se aliam para o trágico prolongamento de complexos confrangedores, insolúveis no decorrer de uma só existência!

Sim! Meu nobre amigo conduzia-me ao Morro do Querosene.

Galgamos a encosta... Aos primeiros lances, a realidade dos primeiros casebres surgia... Afigurou-se-me, então, haver penetrado um mundo desconhecido, ao mesmo passo que impressões vigorosas e chocantes começavam a despertar angústias nas sensibilidades do meu ser.

Nos dias atuais os morros abrigam também elevada porcentagem de habitantes honestos, operosos trabalhadores que heroicamente vencem as dificuldades da existência na dureza do esforço pelo pão de cada dia; operários humildes, impossibilitados de oferecerem às famílias habitação condigna, dada a excessiva alta nos preços dos alugueres, pois, na capital da República, como, possivelmente, por todos os recantos deste imenso Brasil, dá-se o fenômeno de não existir ainda um programa de longo alcance tendente a proporcionar vivenda às classes menos favorecidas.

No Rio de Janeiro, constroem os pobres, então, geralmente nos morros, os seus “barracos”, ora de tábuas velhas, ou de caixotes que compram, vazios, nos armazéns, e folhas usadas de zinco, ora em tijolos e adobes, por eles próprios fabricados com a admirável vontade que têm de vencer, ou ainda servindo-se de material de demolição; e, ali, passam então a amargar o desconforto, a dificuldade angustiante que a sequência dos dias apresenta, sem água, sem luz, sem escolas, sem esgoto, sem garantias sociais em pleno Distrito Federal, à mercê de vizinhos desordeiros, legítimos habitantes do bairro, que bem lhes poderão arrancar até a vida, de um momento para outro! Pela época a que nos reportamos, porém, os morros primavam pela ausência de habitantes honestos, apresentando antes elevado coeficiente de criminosos, viciados e desocupados, que faziam da ilegalidade as normas por que se pautavam.

Até então eu ainda não pudera conceber panorama tão completo de sofrimento e degradação como aquele que se descortinava às minhas apreciações fortemente aguçadas pelas correntes de intuição providas do inestimável concurso da entidade guiadora. Minhas impressões, pouco a pouco, se tornavam insuportáveis, num crescendo lastimoso de surpresas chocantes para minha alma habituada à doçura de normas

sadias, no convívio de uma sociedade fraterna e honesta, do interior de Minas. No decurso de minha existência tivera ocasião de conhecer pocilgas e cavalariças mais higiênicas e confortáveis do que aqueles antros infectos onde definhavam, premidas pela miséria irremediável, criaturas humanas que antes deveriam ascender para Deus, socorridas por seus semelhantes colocados em melhor situação no plano social. Conhecera cães muito mais alimentados e afagados que as míseras crianças que aqui e além se me deparavam aos olhos espirituais — famintas, desganhadas, imundas, doentes, irritadas, mal-educadas, pequenos selvaginzinhos já viciados no despontar da vida, assinalados por um destino implacável!

Mau grado meu, via-me obrigada a exame penetrante, a que absolutamente nada escapava, como se o mestre que tão generosamente me conduzia houvesse por bem lecionar intuitivamente profunda aula analítica! Sentia repercutir no recôndito de meu ser os intraduzíveis efeitos dos males que enredavam aquela pobre gente num círculo férreo de irremediáveis situações, tal como sentira, havia pouco, penetrar minha alma os doces eflúvios da Natureza cheia de encantos e a vivacidade reconstituente do magnetismo marítimo... Suas impressões e sensações transfundiam-se em minhas sensibilidades espirituais, deixando-me aturdida e confusa, a sentir e sofrer com ela todos os seus dolorosos, dramáticos impasses!

Do íntimo daqueles seres infelicitados pelo desamparo social eclodiam sentimentos de ódio, de revolta, de ciúme e despeito, enquanto todas as atitudes que lhes eram habituais comprovavam o vírus do desânimo corroendo-lhes os impulsos de reação; a brutalidade dos instintos, os vícios generalizados, tudo o que o sofrimento superlativo poderá produzir de mau, tudo o que a fome, a ignorância, a má educação, a falta de crença em Deus, a enfermidade física e moral forem capazes de fomentar no caráter humano; e todo o impressionante volume das amarguras daí consequentes se despejava sobre mim qual nuvem tempestuosa que me envolvesse num invencível turbilhão, elevando as

aflições, que me causava, a um estado tal de sofrimento que, aterrorizada, bradei entre lágrimas, presa de intensa alucinação:

— Basta, por piedade! Não posso ver mais!

Planávamos a meio da grande encosta.

Ao longe o panorama da cidade se estendia pitoresco, orlado da fita azul do mar. A nobre entidade estacou de súbito e, tornando-se mais compreensível à modéstia das minhas faculdades, disse gravemente, entre acentuadas expressões de tristeza:

— Estamos num dos locais mais menosprezados e esquecidos pelas sociedades do Rio de Janeiro, a famosa capital de lindas baías e praias galantes, oh! a alegre metrópole onde Momo¹ impera sob desperdícios e excessos funestos!... Aqui, neste local, como nos seus congêneres, sofreu a dor no que ela apresenta de mais ríspido e confrangedor!

“Aqui existe a fome — esse espectro satânico a comandar sequências irremediáveis!

“Comprenderás tu, porventura, o que sejam horas e dias torturados pelo suplício abominável da falta do pão cotidiano?

“Não! Porque o desconheces — na presente existência, pelo menos...

“O faminto, minha filha, o pobre ser agrilhado ao tronco desse inavaliável tormento, nem mesmo possui coração para poder amar, tampouco sensibilidade que o leve a se inclinar para o que é belo, o que é digno, o que é correto e bom! Ele enlouquece e se desorienta sob o esmagamento cruciante dessa obsessão imperiosa! Só sente, bradando por todos os recôncavos do seu ser, a necessidade urgentíssima de se

¹ N.E.: na mitologia grega, Momo é a personificação do sarcasmo, das burlas e de grande ironia.

socorrer, aliviando-se do mal que o tortura, enquanto a visão do alimento que lhe não é dado obter imprime-se em sua mente qual miragem obstinada que o ordenasse conquistá-lo, sem importar os meios a empregar a fim de alcançá-lo, nem a origem de que provenha! Por isso mesmo, observarei em tempo: — socorrer o faminto, agraciando-o com fraterna cooperação em hora tão adversa; proporcionar-lhe trabalho honroso que lhe faculte prover a subsistência; exercer caridosa proteção ao incapaz para o trabalho, que se agita e sofre entre os acumes da necessidade — não será tão somente apaziguar entranhas físicas a reclamarem o sustento indispensável. É, principalmente, consolar-lhe a alma dilacerada pela desventura! É, acima de tudo, soerguer-lhe o coração que, como os demais, foi criado para as funções nobilitantes do amor!

“Há pouco tu te consideraste infeliz e teu pensamento blasfemou, faltando-te tolerância para enfrentar passageira contrariedade. Como és frágil, minha filha, e como lamento tal fraqueza, imprópria que é do adepto do testamento de Jesus!

“Infeliz, tu?! E por quê?...

“Porventura é deserddo o crente cujas mãos sustêm o Evangelho do Senhor, o qual foi escrito para ele, e que para ele não mais apresentará mistérios nem dificuldades de penetração porque gloriosa intuição condu-lo por entre suas páginas redentoras?... Será desgraçado aquele que confia numa eternidade promissora, no seio da qual espera conquistar os mais legítimos triunfos, cercado das bênçãos paternais de um Ser todo amoroso e todo-poderoso?... Que crê porque sabe, que sabe porque lhe foram concedidas provas convincentes, e que a seu lado sente vibrar as sombras desveladas do Além, como tu neste momento?...

“Infelizes, se porventura o são, devem ser estas crianças que acolá contemplas, desprovidas de qualquer conforto e assistência!

“Dor — é o que estas mães padecem ao verem reduzido a frias cinzas o tosco fogão enquanto a criançada se põe a murmurar com fome!

“Infortúnio — é o que atinge estes homens ébrios e vencidos no verdor dos anos, aos quais a resistência faltou em meio do caminho das expiações, fazendo-os delinquir, agravando, assim, as responsabilidades carregadas de um passado espiritual ominoso. Brutalizados ao contato dos vícios, espancam a companheira e maltratam a prole, acusando-as pelos ininterruptos insucessos da existência!

“Desventuras, lágrimas, amarguras, não são, minha amiga, os contratemplos que te ferem, porquanto, se sofres, o Evangelho se desfolha à tua compreensão de aprendiz, aveludando tuas rotas com os imarcescíveis bálsamos das palavras do Senhor, que tanto aplacam as ansiedades na alma do crente! Se choras, amigos desvelados do plano invisível acorrem concedendo-te solidariedade, ministrando-te conforto, recolhendo tuas lágrimas para reacenderem nos refolhos de teu espírito os fachos beneméritos da esperança! Desventura, dor — serão, portanto, o acervo de impasses e complexos que se acumularam no trajeto destes que aqui contemplas e cuja presença impressiona tão mal as tuas faculdades — pois és sensitiva e jamais concebeste imagens tão fortes da realidade da vida humana!

“Mas... além, no ápice deste monte, existe certo Espírito, também chumbado à gleba da expiação, ao qual desejo que conheças a fim de, em seu exemplo, sorveres a lição de que necessitas. Trata-se de uma jovem de pouco mais de 20 primaveras, frágil criatura que se elevou acima de todas as ignomínias com que deparou ao longo da existência que escolheu, pura e boa qual o lírio imaculado de brancuras e perfumes que floresceu nos beirais dos pântanos!

“Ah! Não foi senão na intenção de visitá-la que meu pensamento te atraiu até este local, proporcionando-te de passagem o ensinamento que tudo isto representa...

“Subamos ainda...”

Vi-me, em seguida, no interior de um cubículo miserável, cujas paredes de zinco enferrujado e furado deixavam coar para dentro a aragem fria e recalcitrante dos locais muito elevados. A um ângulo duas meninas, regulando 10 e 12 anos, choravam em silêncio. E, ao outro extremo, uma jovem loura e esquelada, sucumbindo sobre míseros restos de colchão estendidos ao longo de estreita folha de zinco, posta sobre o chão de terra. Cobriam-lhe o magro corpo de flor que definhava, em pleno alvorecer da existência, algumas roupas já muito usadas, restos de cobertores e velho pedaço de um saco de estopa.

A jovem gemia dolorosamente, enquanto de momento a momento fortes acessos de tosse faziam-na vibrar, presa de convulsões sufocantes. Suores abundantes, exalando odor desagradável, molhavam o travesseiro imundo; e a febre alta, ressecando-lhe a pele macilenta, tingia-lhe as faces de um rosa vivo, fazendo-a delirar por entre gemidos que oprimiriam o mais indiferente coração.

— Tuberculose! — exclamei, atormentada por angústia indefinível.

— Sim, tuberculose! — afirmou o respeitável orientador. — Poucos dias lhe restam já de sofrimento! É o calvário da agonia que avança rumo à liberdade! Pobre criança! Carregou com heroísmo a cruz do martírio imposto pela consciência como reparação devida a um passado de quedas fortes... e, agora, aureola-se da augusta coroa dos redimidos para ascender a novas fases de progresso no caminho da evolução...

Espalmou sobre a fronte violácea da enferma a destra luminosa, transmitindo-lhe bálsamos celestes que se liquefaziam em pequeninos chuveiros de luz imaculada. Prostrou-se a doente, acalmada sob a ação benemérita do visitante generoso, adormecendo sem relutância...

À minha sensibilidade espiritual desenrolou-se então, rapidamente, em linhas retrospectivas, a amargurosa odisséia das três jovens abandonadas —

exibiu-ma a vontade poderosa do nobre instrutor, que reviveu, com a magia da sua palavra elucidativa, o acervo de desditas que ali se epilogava — qual um filme realista a que me fosse dado assistir, intensamente dramático, desses que os variados planos sociais do Rio de Janeiro nos apresentam diariamente, na sua programação aviltante e dolorosa...